

Vivências comunitárias de crianças em um parquinho de uma instituição religiosa

Community experiences of children in a playground of a religious institution

Lucimara Gomes Oliveira de Moraes
Angélica Aparecida Ferreira da Silva
Ingrid Dittrich Wiggers
Universidade de Brasília (UNB)
Brasília- Brasil

Resumo

Este artigo insere-se no campo de estudos sobre as infâncias e tem por objetivo analisar as produções culturais de crianças enquanto estão no parquinho. O aporte teórico fundamenta-se no campo de estudos da infância, em perspectiva transdisciplinar com a sociologia da infância, geografia das infâncias e psicologia histórico-cultural. A abordagem etnográfica orienta as investigações empíricas, tendo a articulação entre as modalidades verbal e pictórica como possibilidades de escuta das crianças. As imersões no campo apontam para o parquinho como um lugar que possibilita o desenvolvimento pleno das crianças, por meio da elaboração da cultura de pares no contexto de brincadeiras. No entanto, a subordinação desse grupo geracional limita a ida ao parquinho, pois são os adultos que decidem e controlam os espaços e tempos das crianças.

Palavras-chave: Infância; Direito à participação em pesquisas; Parquinho.

Abstract

This article is part of the field of childhood studies and aims to analyze the cultural productions of children while they are in the playground. The theoretical contribution is based on the field of childhood studies from a transdisciplinary perspective with the sociology of childhood, childhood geography, and historical-cultural psychology. The ethnographic approach guides the empirical investigations, using the articulation between the verbal and pictorial modalities as listening possibilities for children. The immersion in the field points to the playground as a place that enables the full development of children through the elaboration of the culture through playing. However, the subordination of this generational group limits going to the playground, as it is the adults who decide and control the children's spaces and schedules.

Keywords: Childhood; The right to participate in research; the playground

Introdução

Este artigo insere-se no campo de estudos sobre as infâncias e tem por objetivo analisar as produções culturais de crianças enquanto estão no parquinho de uma comunidade religiosa em Brasília. A escuta das crianças em pesquisas acadêmicas, ancora-se no direito das crianças de serem ouvidas em pesquisas acadêmicas, como preconiza a Convenção sobre os Direitos da Criança (CDC), da Organização das Nações Unidas (ONU), de 1989. A escolha de uma comunidade religiosa como lócus desta pesquisa justifica-se pela necessária investigação sobre o que as crianças produzem em termos culturais também nessas instituições, visto que os campos religiosos compõem o que Corsaro (2011) denomina como teia global. Para Cunha (2013), as crianças tiveram um papel secundário no campo da sociologia, pois os adultos sempre estiveram no centro: “são seus discursos que são transcritos, suas relações que são observadas, seus conhecimentos que são requisitados e suas opiniões que são indagadas” (CUNHA, 2013, p. 84). Portanto, escutar as vozes das crianças em um parquinho torna-se relevante politicamente e academicamente (SARMENTO; FERNANDES, SIQUEIRA, 2020).

Em maio de 2022, procedeu-se com uma busca no portal da Capes e verificou-se que as pesquisas com crianças em parquinhos têm crescido nos estudos brasileiros, desde 2010. Importante salientar que tais estudos têm defendido a importância de ouvir as crianças em suas múltiplas linguagens em parquinhos (COTRIM, BICHARA, 2013; FIAES *et al.*, 2010; PINTO; BICHARA, 2017; SOUZA; PINTO, 2017; TREVISAN, 2020), contudo, não foram localizadas investigações de parquinhos em comunidades religiosas. Essa ausência de estudos sobre os parquinhos em comunidades religiosas nos provoca e nos leva a considerar acerca da necessidade de explorar esse contexto e de discutir como as culturas de pares se constituem também nesse espaço. Para analisar as produções culturais de crianças este artigo se estrutura em quatro seções, a saber: (i) Aporte teórico e a natureza transdisciplinar do estudo; (ii) Metodologia; (iii) A cultura de pares no parquinho em uma comunidade religiosa; (iv) Considerações finais.

Aporte teórico e a natureza transdisciplinar do estudo

Considera-se que os estudos da infância requerem aportes teóricos de diferentes campos e um desenho metodológico embasado em múltiplos métodos, com abordagem transdisciplinar. Voltarelli (2021, p. 181), ao refletir sobre a história de configuração das pesquisas com crianças, afirma que “a complexidade da infância parece requerer, portanto, diferentes campos de conhecimento para o desenvolvimento de seu estudo”. Para Hoyuelos

e Riera (2019, p. 28), “na transdisciplinaridade, as barreiras entre as disciplinas desaparecem, já que cada uma reconhece – em sua estrutura – o caráter de todas as demais”. Assim, nesta seção serão tecidas reflexões sobre transdisciplinaridade nos estudos com crianças. Em seguida apontam-se os principais conceitos e categorias que sustentam as análises.

Nicolescu (1999, p. 16) afirma que a transdisciplinaridade diz respeito “àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento”. Este trabalho assume que a abordagem transdisciplinar orientará as análises elaboradas pelas pesquisadoras, o que aponta para o profundo diálogo entre a sociologia da infância, a geografia da infância e a psicologia histórico-cultural (CORSARO, 2005; 2009; 2011; KRAVTSO, 2014; LOPES; FERNANDES, 2021; MUÑOZ, 2006; SIROTA, 2013; TEBET; ABRAMOWICZ, 2014; TEBET; COSTA, 2021; VIGOTSKI, 2008).

Duas das contribuições mais relevantes da sociologia da infância para este estudo residem (i) na compreensão do parquinho como um contexto propício de escuta das crianças (CORSARO, 2009, 2011) e (ii) no conceito de cultura de pares, que as crianças desenvolvem por meio de um modelo relacional que se assemelha a uma rede. Esse sistema, denominado teia global (CORSARO, 2011), considera que todos os lugares ou campos que compõem as diversas instituições sociais (familiares, econômicas, culturais, educacionais, políticas, ocupacionais, comunitárias e religiosas) são importantes para a interação e vivência das crianças, pois nesses diferentes cenários de convívios as crianças constroem, com outras crianças, o que o autor nomeia cultura de pares. Mais do que um conceito consolidado no campo dos estudos das infâncias, essa construção das crianças reverbera em toda a sociedade e tem algumas características, a saber: (i) é tecida coletivamente; (ii) elabora-se nos contextos de conhecimentos culturais e tem por cenários as instituições em que as crianças integram e interagem; (iii) permanecem na vida adulta, como histórias vivas, heranças que os adultos guardam de suas infâncias (CORSARO, 2011).

A geografia das infâncias constitui-se em um outro campo de estudo que embasa as análises sobre as elaborações das crianças. Nesse sentido, o conceito de “lugar” norteará as explicações sobre a relação afetiva entre os sujeitos e o local em que vivem e partilham experiências cotidianas, bem como o conceito de “território”, que aponta para a forma como um espaço é ocupado por um determinado grupo de pessoas, e “cartografia”, que desvela os movimentos das crianças em um lugar específico (LIMA; MACHADO, 2021; LOPES, 2018;

LOPES; FERNANDES, 2021; MALETTA; SILVA, 2020; TEBET; COSTA, 2021). A ligação complexa entre a cultura dos adultos e das crianças expressa em Corsaro (2011) construirá um diálogo com a geografia dos cuidados, tecida por meio de “práticas de cuidar da infância” que ocorrem em “encontros geracionais e vão se modificando à medida que percorrem diferentes geografias e histórias” (LOPES; FERNANDES, 2021, p. 63).

Outro conceito relevante para o desenvolvimento desta pesquisa diz respeito às elaborações das crianças em momentos de brincadeiras. Para Vigotski (2008), a brincadeira se estrutura pela imaginação e insere as crianças em potentes situações de aprendizagem, denominadas pelo autor como zonas de desenvolvimento iminentes. Portanto, para este estudo, a psicologia histórico-cultural apresenta a brincadeira como forma de interação das crianças com a cultura historicamente construída pela humanidade. Um diálogo possível se estabelecerá entre o conceito de “meio” (PRESTES; TUNES, 2018, p. 74), da psicologia histórico-cultural e de lugar, próprio da geografia da infância (TEBET; COSTA, 2021).

Essa complexidade teórica para compreender as crianças se articula com os desafios metodológicos para proceder à escuta delas em parquinhos, pois as crianças se expressam por meio de diferentes linguagens, a saber: as brincadeiras, os movimentos, os desenhos, as esculturas e os diálogos, o que desafia adultos pesquisadores a se apropriarem de diversos aportes teóricos e metodológicos para se aproximarem das crianças e conhecerem suas culturas. A cultura de pares, tecida coletivamente nas atividades cotidianas das instituições que as crianças frequentam, nem sempre está disponível para os adultos que pesquisam, a começar pelos obstáculos enfrentados pelos pesquisadores em ter acesso às crianças. Essa discussão será apresentada na próxima seção.

Métodos e materiais

Para atender às especificidades e sutilezas próprias das crianças, este trabalho orienta-se pela abordagem qualitativa por meio de abordagem etnográfica (CORSARO, 2005, 2011; FRIEDMANN, 2020, 2022; FONSECA, 1999; HORN, 2013). Na presente pesquisa, a escuta das crianças vincula-se ao contexto cotidiano, por isso, é necessário refletir sobre a entrada do pesquisador no campo para proceder com as observações e descrições de modo detalhado, com “capturas de dados (em notas de campo e/ou por meio de gravação em áudio ou vídeo) para análise apurada e repetitiva” (CORSARO, 2009, p. 84). Para Corsaro (2005), os adultos pesquisadores precisam ser aceitos pelas crianças. Esse exercício parte da admissão das evidentes diferenças entre os adultos e as crianças, em um exercício de alteridade. Em

seguida, o pesquisador precisa cumprir o papel de um adulto atípico (aquele que não briga, que não impõe sua autoridade) e posicionar-se nos territórios das crianças, como a caixa de areia e a casa de bonecas para, a partir desses contextos, buscar diálogos com as crianças.

Algumas características do contexto pesquisado indicaram a técnica de amostragem conhecida como “Bola de Neve” como a mais adequada para este trabalho, diante resistência de algumas famílias em permitir a participação dos(as) filhos(as) nas atividades de uma pesquisa acadêmica no contexto da igreja. Por isso, a entrada e permanência das pesquisadoras dependeu do que a metodologia chama de “sementes” ou informantes-chave, que convidavam outras crianças e famílias explicando e referendando o estudo como algo positivo (VINUTO, 2014). Nesse contexto, as comunidades religiosas se configuram como instituições que abrigam “grupos de crianças acerca dos quais a sociedade pouco conhece, necessitando, por isso de aprofundar esse conhecimento” (GRAUE; WALSH, 2003, p. 122)

Uma das autoras deste artigo faz parte dessa comunidade religiosa em Brasília e atua como formadora pedagógica dos voluntários que atendem as crianças aos domingos, o que favoreceu a inserção no campo. Nesse contexto, tornou-se evidente a necessidade de refletir sobre o fato de desenvolver uma pesquisa sendo parte da comunidade. De acordo com Fonseca (1999, p. 61), “o pesquisador escolhe informantes de seu próprio universo”, isso significa que, ao conhecer um dado contexto, o pesquisador torna-se mais capaz de analisá-lo, de forma mais profunda do que o nível denominado “diariamente observado”. Ainda sobre a atuação do pesquisador, Alderson (2005, p. 437) afirma que a decisão de “excluir pesquisadores pessoalmente afetados pelo assunto de pesquisa [...] tem sido amplamente superada pelo respeito por pesquisadores com conhecimento de dentro”.

As pesquisas com crianças orientadas pelas resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde determinam que os responsáveis precisam autorizar sua participação em investigações. Desse modo, o primeiro contato foi feito com as famílias para apresentar a pesquisa e convidar os interessados a explicar a investigação às crianças para que estas decidissem se gostariam ou não de participar da pesquisa. Assim, no total de 350 crianças cadastradas pela igreja, 50 crianças concordaram e foram autorizadas pelas famílias a participar da pesquisa. Tais crianças se encontram na faixa etária entre três e nove anos e escolheram um nome fictício a ser usado em toda a pesquisa para que fosse mantida sua privacidade. A investigação obteve aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa com Humanos, sob o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE): 60140822.6.0000.5540.

O diário de campo, as gravações dos diálogos das crianças nos momentos de elaboração dos desenhos e as brincadeiras constituem dados desta pesquisa. Como a “imagem é sempre polissêmica ou ambígua”, as análises consideram as falas das crianças como elementos fundamentais para a interpretação dos conteúdos dos desenhos, em um processo conhecido como “ancoragem” em que o texto “tira a ambiguidade da imagem” (PENN, 2015, p. 322). Os desenhos foram feitos em sessões individuais e conjuntas de crianças e, respeitando o tempo delas, das famílias e da instituição, ora foram produzidos no próprio parquinho da igreja, ora em salas de aula. Desse universo de produções, as pesquisadoras procederam à seleção de um episódio, apresentado na próxima seção do artigo.

A cultura de pares produzida no parquinho de uma comunidade religiosa

A cultura de pares desenvolvida pelas crianças durante o tempo em que permanecem no espaço religioso e principalmente no parquinho pode ser desvelada no episódio “Metade são as pessoas e a outra são bichinhos”. Prestes e Tunes (2018, p. 74) consideram que “o meio não deve ser estudado como um ambiente de desenvolvimento” em função de determinadas características, mas sim levando em consideração a relação que a criança estabelece com o meio. Tebet e Costa (2021, p. 82) registram que “o lugar é construído a partir de experiências em um processo de envolvimento do corpo com a cultura, a história, as relações sociais e a paisagem”. Nesse sentido, Maletta e Silva (2020, p.1) afirmam “que as crianças se apropriam dos espaços, atribuindo-lhes outros usos e significados, constituindo territorialidades por meio de um processo de produção de culturas, próprias do mundo delas”.

Desse modo, o parquinho se mostra um espaço fértil para que as crianças possam, na brincadeira, criar, interpretar, modificar, imaginar e construir sentidos sobre suas experiências cotidianas. Assim a criança modifica esses espaços de acordo “com a imaginação e elementos culturais que ela traz de suas experiências” (MALETTA; SILVA, 2020, p.1). Corsaro (2011) considera que os parquinhos são lugares em que as crianças constroem a cultura de pares. Nesse contexto de diálogos transdisciplinares entre a sociologia da infância, geografia das infâncias e psicologia histórico-cultural, as produções das crianças serão descritas e analisadas.

Episódio: Metade são pessoas e a outra são bichinhos

“No pula-pula em que as meninas estavam, ouvi falas repetitivas da Sara, 3 anos, ‘miau, miau, miau, miau, da última pegada você morre’. ‘Agora vou comer uma folha e virar uma

borboleta”” (Diário de campo, 20 de novembro de 2022). O lugar dessas falas era o pula-pula, e estavam nele Sara (5 anos), Isa (6 anos) e Malu (6 anos). As falas foram elaboradas em meio a pulos, corridas e gritinhos. A cena chamou a atenção de uma das pesquisadoras, que se aproximou do pula-pula e tentou compreender o que estava acontecendo. Parecia uma brincadeira de pega-pega porque havia um rodízio entre quem corria e quem pegava, no entanto, as crianças incrementaram essa brincadeira clássica com elementos próprios dos ciclos de vida, como o da lagarta e da borboleta, embora a lagarta tenha sido nomeada como minhoca.

Quando o tempo do parquinho finalizou, as crianças retornaram para as salas de aula da igreja e Sara (5 anos), Isa (6 anos) e Malu (6 anos) foram convidadas para desenhar a brincadeira recém finalizada. Inicialmente, apenas duas aceitaram, e a terceira seguiu com sua turma para uma das salas de aula. Após uns cinco minutos, ela apareceu na sala em que as outras crianças estavam desenhando e pediu para participar. Suas produções pictóricas foram enriquecidas com diálogos que ilustraram as narrativas que conduziram a brincadeira.

Enquanto desenhavam, as meninas sustentaram um diálogo de aproximadamente 16 minutos. Em suas falas explicitaram os elementos da brincadeira criada por elas, que exemplifica claramente o conceito de cultura de pares (CORSARO, 2011). Para Horn e Barbosa (2022, p. 48), “cada criança experiencia no seu cotidiano o que sua comunidade tem a ofertar a ela – histórias, paisagens, alimentos, brincadeiras”, e nesse convívio comunitário eivado de vivências significativas as crianças interpretam “dando sentido ao mundo e construindo sua experiência humana”.

A brincadeira de pique-pega faz parte da herança cultural que as crianças vivenciam em contato em diversos contextos como família, escola, clubes e brincadeiras na rua. No entanto, nesse dia, reproduziram uma brincadeira comum no seu contexto cultural e agregaram a ela novos elementos. É nessa liberdade e na experiência para modificar e criar que as crianças podem coletivamente construir novos sentidos e significados na/para a sociedade; elas construíram uma reprodução interpretativa, elemento constitutivo da cultura de pares (CORSARO, 2011). Assim as brincadeiras, passadas de geração para geração, são compartilhadas entre os pares e constantemente transformadas pelas próprias crianças (MALETTA; SILVA, 2020).

As regras do pique-pega foram incrementadas com personagens e um elemento que simbolizava um prêmio. Este era um pedaço de queijo suspenso e circunscrito em um espaço

delimitado. O queijo era dos gatos, personagens que corriam atrás da minhoca. A minhoca, personagem com maior fragilidade, recebeu na brincadeira uma compensação. Se ela conseguisse fugir três vezes dos gatos “relaciona um poder, que vai ajudar a virar uma borboleta para voar e tentar fugir mais rápido dos gatos. A minhoca tem que conseguir chegar no queijo do gato” (MALU, 6 anos). Essa forma de transformar uma brincadeira de base com novos elementos aponta para a capacidade das crianças de reinterpretarem o mundo, portando novidades geracionais criativas por meio da elaboração cultural, denominada por Corsaro (2011) como cultura de pares.

Vigostki (2008) aponta a razão de existência das brincadeiras para as crianças. Diante de desejos irrealizáveis e com a possibilidade de neoformações, ancoradas na filogênese e na sociogênese, as crianças, com o domínio da fala, são capazes de fazer uma cisão entre o campo visual e o campo semântico, o que indica a presença de processos psíquicos superiores, como a imaginação. “É disso que surge a brincadeira, que deve ser sempre entendida como uma realização imaginária e ilusória de desejos irrealizáveis” (VIGOSTKI, 2008, p. 25).

Nesse contexto, o voo da minhoca pode ser compreendido como um desejo irrealizável. Meninas não voam, mas ao adentrar o pula-pula de um parquinho e vencer parcialmente a força da gravidade que segura os corpos nas superfícies, o desejo de voar se inscreve na imaginação e se desvela na brincadeira. Não é possível voar apenas com o corpo humano, pois esse é um limite da filogênese humana, mas, culturalmente, o ser humano pode voar, construindo equipamentos ou pulando em uma cama elástica. Para Isa (6 anos), Sara (5 anos) e Malu (6 anos), que estão em um movimento constante de apropriação da cultura e, ao mesmo tempo, reproduzindo interpretativamente, na brincadeira o voo tornou-se algo possível, desde que a minhoca conseguisse fugir três vezes do gato. Nesse caso, ela ganharia asas, que são os equipamentos necessários para o voo.

Os desenhos de Malu (6 anos) e Isa (6 anos) apontam para uma outra característica que desvela o caráter imaginativo da brincadeira, “sua emancipação das amarras situacionais” (VIGOSTKI, 2008, p. 32). No pula-pula há três meninas, na imaginação, três animais, sendo dois gatos e uma minhoca. No centro do pula-pula há um pequeno círculo desenhado com uma linha branca, na imaginação é o lugar do queijo. Na situação em que se encontram, meninas de cinco e seis anos, não é possível voar, na imaginação, se fugir três vezes do gato, a minhoca poderá voar.

Os desenhos produzidos pelas meninas, após a brincadeira, apontam para essa “divergência entre o campo semântico e o ótico” (VIGOSTKI, 2008, p. 30). Malu, de seis anos, ao desenhar a brincadeira faz uma clara distinção entre o que estava acontecendo no parquinho e o que era do domínio da imaginação. A menina dividiu a folha ao meio e desenhou as duas cenas que aconteciam simultaneamente.

Figura 3 - Sara, 5 anos



Fonte: Corpus da Pesquisa

Figura 4 - Isa, 6 anos



Fonte: Corpus da Pesquisa

Figura 5 - Malu, 6 anos



Fonte: Corpus da Pesquisa

Isa (6 anos) começou a produção com o desenho de uma figura humana, mas em seguida desenhou em cima um dos gatos da brincadeira. O queijo, prêmio da brincadeira, foi registrado pelos traçados das três meninas, bem como o Sol. A representação da folha que transformaria a minhoca em borboleta está presente apenas nos desenhos de Sara (5 anos) e de Malu (6 anos). Nota-se, nos desenhos, a preocupação em explicar a brincadeira, não deixando de lado nenhum dos elementos que compõem a brincadeira em si, e esse detalhamento aponta para a compreensão das crianças de que o desenho é um instrumento de comunicação. Nos traços e cores, as crianças expressam aquilo que querem comunicar. Assim, essa didática infantil de apontar cada elemento pode indicar algum questionamento sobre a capacidade dos adultos de entender a lógica imaginativa delas.

Ao constatar o detalhamento dos desenhos em articulação com os diálogos de Isa (6 anos), Sara (5 anos) e Malu (6 anos) enquanto elaboravam seus cenários e personagens nos desenhos apresentados, torna-se possível perceber que as crianças desconfiam das capacidades dos adultos de compreenderem suas expressões por meio dos desenhos, principalmente por se tratar de uma representação de suas imaginações.

Outro ponto relevante a destacar é a forma de comunicação das meninas durante as brincadeiras, não houve um momento prévio para a elaboração das regras e elementos da brincadeira proposta. Enquanto brincavam, as regras e os elementos iam sendo

compactuados por elas. Os desenhos apresentam essa comunicação eficientemente elaborada durante a brincadeira, pois as três meninas registram os elementos principais da brincadeira, contextualizando-os com as regras criadas entre os pulos na cama elástica.

Esses novos contornos para a brincadeira do pique-pega mostra o potencial criativo das crianças que agregam à brincadeira outros elementos, frutos, provavelmente, de outra experiência significativa vivenciada por elas. Essa brincadeira é particularmente compartilhada entre as meninas, uma invenção delas, cujo enredo alguém de fora não conseguiria compreender. Trata-se de uma brincadeira já conhecida (pique-pega) num espaço distinto que é o pula-pula e envolve elementos imaginativos compartilhados somente entre elas. Desse modo fica evidente que as crianças se apropriam do lugar “na medida em que imprimem suas marcas, produzindo diferentes formas de ser e estar ali, transformando-os em lugares carregados de sentidos e significados (MALETTA; SILVA, 2020, p. 3).

Os três desenhos apresentam representações de níveis: o chão, a escada, a lona do pula-pula, o local em que fica o queijo, o limite máximo de altura do pula-pula e, por fim, o Sol. Essa estratificação representada nos desenhos está presente também nas regras da brincadeira. O gato é considerado o personagem mais poderoso, seguido pela borboleta e, por último, aparece a minhoca, personagem rastejante, que precisa correr e buscar um prêmio para se transformar. O prêmio está pintado de amarelo, assim como o gato e o Sol, e a menina que representa o gato, no desenho de Malu (6 anos), veste um vestido amarelo. A única minhoca amarela está presente no desenho de Isa (6 anos), mas sua posição diagonal em direção ao prêmio (também chamado de poder pelas meninas) aponta para a relação entre o amarelo como um sinal de subida no estrato físico ou social da brincadeira.

Ao descrever e analisar o episódio “Metade são pessoas e a outra são bichinhos” foi possível constatar que o parquinho de uma comunidade religiosa é também um lugar em que as crianças constroem cultura de pares por meio de reproduções interpretativas. O parquinho pode, portanto, ser compreendido como um meio que proporciona vivências significativas (PRESTES; TUNES, 2018), no campo da psicologia histórico-cultural e um lugar, visto que há um envolvimento do corpo, da cultura e das relações, como consolidado no campo da geografia das infâncias (TEBET; COSTA, 2021). Um lugar que permite perceber a relação complexa entre a cultura dos adultos e das crianças, mediada por uma geografia dos cuidados, pois cabe aos adultos dessa comunidade a decisão de manter um parquinho funcionando, e ter esse espaço já demonstra uma preocupação em proporcionar um local de

diversão e de interação para as crianças. Contudo, ainda são os adultos que decidem os momentos em que as crianças podem ir ao parquinho e quanto tempo lhes será permitido para brincadeiras livres, o que aponta para a subordinação das crianças como grupo geracional.

Conclusão

Este artigo defende a compreensão das crianças como sujeitos que têm direitos, dentre eles, o de serem ouvidas em pesquisas acadêmicas. Como discutido ao longo do trabalho, as crianças produzem cultura de forma interpretativa, por meio de um modelo denominado de teia global (CORSARO, 2011). Essa forma de elaboração cultural ancora-se nas vivências das crianças nas diferentes instituições que frequentam. Buscou-se desvelar essas produções culturais no contexto de uma comunidade religiosa localizada em Brasília-DF.

Aponta-se a importância de diálogos transdisciplinares nos estudos das infâncias, pois a infância se configura como um objeto complexo. Neste estudo, buscou-se considerar os aportes teóricos da sociologia da infância, geografia da infância e psicologia histórico-cultural, em relação transdisciplinar. Com base nesse diálogo entre as disciplinas, observamos que as crianças conseguem dar sentido diverso ao definido pelos adultos, alterando e criando formas de estar, usar e vivenciar lugares, objetos e seres. E nesse processo utilizam-se de suas experiências nos diversos campos de interação para, no diálogo com seus pares, reproduzir e interpretar criativamente fatos do cotidiano.

O parquinho, no episódio apresentado, se mostrou um lugar de possibilidades para que as crianças pudessem, mesmo com tempo e estrutura limitados, criar seus próprios enredos de brincadeira, fazer questionamentos sobre a vida e sobre conceitos sociológicos como a estratificação social. Portanto, pautadas pelos conceitos da sociologia da infância, geografia da infância e psicologia histórico-cultural, conclui-se que o parquinho consiste em um meio ou um lugar em que as crianças refletem sobre questões filosóficas, apresentam dados evidentes de imaginação por meio do distanciamento entre o campo semântico e o campo visual e vivenciam, por meio das brincadeiras, atividades irrealizáveis para crianças, mas possíveis no contexto da convivência comunitária com outras crianças (VIGOSTKI, 2008).

A subordinação das crianças aos adultos consubstancia-se como um limitador para os encontros das crianças no parquinho, o que aponta para a elaboração de políticas públicas de ampliação desses equipamentos públicos de lazer e desenhos urbanísticos que permitam a locomoção autônoma das crianças até os parquinhos. Por fim, ressalta-se a necessidade de

formação continuada daqueles que atendem crianças em escolas e outros espaços coletivos a fim de compreenderem a relevância do parquinho para elas, pois a vivência comunitária nesses espaços possibilita a interação com elementos da natureza, produzindo conhecimentos sobre os ciclos, os seres vivos e suas relações sociais.

Referências

ALDERSON, Priscila. As crianças como pesquisadoras: os efeitos dos direitos de participação sobre a metodologia de pesquisa. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 419-442, 2005. Disponível em: http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302005000200007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 28 maio 2022.

BRASIL. **Resolução nº 466**, de 12 de dezembro de 2012. Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 13 jun. 2013.

BRASIL. **Resolução nº 510**, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 24 maio 2016.

CORSARO, William A. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. **Educação & Sociedade**, v. 26, n. 91, p. 443-464, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302005000200008>

CORSARO, Willian. Métodos etnográficos no estudo da cultura de pares e das transições iniciais na vida das crianças. In: MÜLLER, Fernanda; CARVALHO, Ana Maria Almeida (org.). **Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com Willian Corsaro**. São Paulo: Cortez, 2009.

CORSARO, William A. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

COTRIM, Gabriela Souza; BICHARA, Ilka Dias. O brincar no ambiente urbano: limites e possibilidades em ruas e parquinhos de uma metrópole. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 26, n. 2, p. 388-395, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722013000200019>

CUNHA, Lucas de Lima e. Os clássicos da “literatura” sociológica infantil: as crianças e a infância de acordo com Marx, Weber, Durkheim e Mauss. **Plural**, v. 20, n. 1, p. 83-98, 2013. DOI: 10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2013.74416. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/74416>. Acesso em: 2 mar. 2023.

FIAES, Carla Silva; MARQUES, Reginalice de Lima; COTRIM, Gabriela Souza; BICHARA, Ilka Dias. Gênero e brincadeira em parquinhos públicos de Salvador (BA). **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 14, n. 1, out. 2010. ISSN 1981-8076. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/13465>. Acesso em: 11 ago. 2022.

FONSECA, Claudia. Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 10, p. 58-78, abr. 1999. Disponível em

http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24781999000100005&lng=pt&nrm=iso. Acessos em: 28 maio 2022.

FRIEDMANN, Adriana. A importância do respeito às vidas das crianças na Primeira Infância na perspectiva antropológica. In: FRIEDMANN, Adriana; LAMEIRÃO, Luiza; LEVY, Paula Cristina S. Haddad; ECKSCHMIDT, Sandra; FARIAS, Vanda Elisa (org.). **Olhares para as crianças e seus tempos: caminhos, frestas e travessias**. Cachoeira Paulista, SP: Passarinho/ Diálogos Embalados, 2022.

FRIEDMANN, Adriana. **A vez e a voz das crianças: escutas antropológicas e poéticas das infâncias**. São Paulo: Panda Books, 2020.

GRAUE, M. Elizabeth; WALSH, Daniel J. **A investigação etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

HORN, Cláudia Inês. Pesquisa etnográfica com crianças: algumas possibilidades de investigação. **Revista Enfoques**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 1-19, Dez. 2013. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/enfoques/article/view/12624>. Acesso em: 22 maio 2022.

HORN, Maria da Graça Souza; BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Abrindo as portas da escola infantil: viver e aprender nos espaços externos**. Porto Alegre: Penso, 2022.

HOYUELOS, Alfredo; RIERA, Antonia María. **Complexidade e relações na educação infantil**. Tradução: Bruna H. de Souza Villar. São Paulo: Phorte, 2019.

KRAVTSOV, Guenadi. As bases filosóficas da psicologia Histórico-Cultural. In: VERESK – **Cadernos acadêmicos internacionais**. Estudos sobre a perspectiva histórico-cultural de Vigotski – Brasília: UniCEUB, 2014.

LEITE, Jaciara. **Ser criança camponesa no cerrado**. Curitiba: CRV, 2021.

LIMA, Barbara Silva Alves de; MACHADO, Vitor. O desenho na representação do espaço rural e urbano: contribuições para o ensino da Geografia. **Revista Cocar**. v.15, n.32, p.1-19, 2021.

LOPES, Jader Janer Moreira. **Geografia e Educação Infantil: espaços e tempos desacostumados**. Porto Alegre: Mediação Editora, 2018.

LOPES, Jader Janer Moreira; FERNANDES, Maria Lidia Moreira. Geografia das Infâncias, geografia dos bebês, das crianças e dos jovens e a geografia dos cuidados: veredas e coetaneidade e da alteridade. In: FERNANDES, Maria Lidia B.; LOPES, Jader Janer M; TEBET, Gabriela Guarnieri de C. **Geografia das crianças, dos jovens e das famílias**. Brasília: Universidade de Brasília, 2021. p. 80-110.

LOPES, Jader Janer Moreira; FERNANDES, Maria Lidia Moreira. Geografia das Infâncias, geografia dos bebês, das crianças e dos jovens e a geografia dos cuidados: veredas e coetaneidade e da alteridade. In: FERNANDES, Maria Lidia B.; LOPES, Jader Janer M; TEBET,

Gabriela Guarnieri de C. **Geografia das crianças, dos jovens e das famílias**. Brasília: Universidade de Brasília, 2021. p. 80-110.

MALETTA, Ana Paula Braz; SILVA, Jennifer Vaz Barcelar Ferreira Gomes da. As territorialidades constituídas pelas crianças, por meio do brincar na educação infantil, em uma escola de Belo Horizonte-MG. **Revista Cocar**. v.14, n.30, p. 1-19, 2020.

MUÑOZ, Gaitán L. La nueva sociología de la infancia. Aportaciones de una mirada distinta. **Política y Sociedad**, Madrid, v. 43, n. 1, p. 9-26, 2006. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/POSO/article/view/POSO0606130009A>. Acesso em: 2 jun. 2022.

NICOLESCU, Basarab. **O manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 1999.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Convenção sobre os Direitos da Criança**, 1989. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca>. Acesso em: 15 abr. 2021.

PENN, Gemma. Análise semiótica de imagens paradas. In BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: um manual prático**. 13 ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2015. p. 516.

PINTO, Paula Sanders Pereira; BICHARA, Ilka Dias. O que dizem crianças sobre os espaços públicos onde brincam. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 21, n. 1, p. 28-38, Jul. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/47242>. Acesso em: 22 jul. 2022.

PRESTES, Zoia; TUNES, Elizabeth. **7 aulas de L.S. Vigotski: sobre os fundamentos da pedologia**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2018.

SARMENTO, Manuel Jacinto; FERNANDES, Natália; SIQUEIRA, Romilson Martins. **A defesa do direito da criança: uma luta sem fronteiras**. Goiânia: Cênone Editorial, 2020.

SIROTA, Régine. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 112, p. 07-31, 2013. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/612>. Acesso em: 11 ago. 2022.

SOUZA, Amanda Santos de; PINTO, Paula Sanders Pereira. O desenvolvimento de brincadeiras criativas no contexto dos parquinhos públicos. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 406- 425, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/35349>. Acesso em: 22 jul. 2022.

TEBET, Gabriela G. de C.; ABRAMOWICZ, Anete. O bebê interroga a sociologia da infância. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 20, n. 41, p. 43-61, Jan./Abr. 2014. Disponível em: <https://www.periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/4254>. Acesso em: 2 out. 2021.

TEBET, Gabriela G. de C.; COSTA, Julia. Bebês, lugar, espaço e território: um olhar cartográfico. In: FERNANDES, Maria Lídia B.; LOPES, Jader Janer M.; TEBET, Gabriela Guarnieri de C. **Geografia das Crianças, dos Jovens e das Famílias**. Brasília: Universidade de Brasília, 2021. p. 80-110.

TREVISAN, Gabriela de Pina. A participação das crianças nos discursos e práticas: um breve “estado da arte” na procura de novos desafios. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; FERNANDES, Natália; SIQUEIRA, Romilson Martins. **A defesa do direito da criança: uma luta sem fronteiras**. Goiânia: Cênone Editorial, 2020. p. 129-148.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. A brincadeira e seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. Tradução Zoia Prestes. **Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais**, v. 8, p. 23-36, 2008. (Obra Original Publicada em 1933). Disponível em: <http://www.ltds.ufrj.br/gis/anteriores/rvgis11.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2022.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, SP, v. 22, n. 44, p. 203–220, 2014. DOI: 10.20396/tematicas.v22i44.10977. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em: 06 mar. 2023.

VOLTARELLI, M. A. Da margem ao centro: a visibilidade das crianças sul-americanas nos estudos da infância. **Serviço Social em Debate**, v. 3, n. 1, 2021. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/servsoc-debate/article/view/549>. Acesso em: 23 nov. 2022.

Sobre as autoras

Lucimara Gomes Oliveira de Moraes

Doutora e Mestre em Educação pela Universidade de Brasília – UnB (Brasil). Professora Substituta - Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Integrante do Imagem - Grupo de Pesquisa sobre Infância, Corpo e Educação. Integrante do Grupo de Pesquisa GEPA – Avaliação e Organização do Trabalho Pedagógico. E-mail: lucimara_morais@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8165-8888>

Angélica Aparecida Ferreira da Silva

Doutoranda em Educação no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília- PPGE/FE/UnB. Mestre em Educação pela Universidade de Brasília – UnB (Brasil). Membro do Grupo IMAGEM – Grupo de pesquisa sobre Infância, Corpo e Educação. E-mail: angelic.sil@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8321-5303>

Ingrid Dittrich Wiggers

Doutora em Educação – UFSC. Professora Titular da Universidade de Brasília – UnB (Brasil). Líder do Imagem - Grupo de Pesquisa sobre Infância, Corpo e Educação. E-mail: ingridwiggers@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5412-7021>

Recebido em: 01/04/2023

Aceito para publicação em: 02/04/2023